Carmen Romero Dorr

O ÚLTIMO PRESENTE DE PAULINA HOFFMANN

Este romance é um grito e um sussurro, uma ficção e uma realidade, uma história que contém todas as contradições de ser mulher ontem, hoje e sempre.

JANGADA

O ÚLTIMO PRESENTE DE PAULINA HOFFMANN

CARMEN ROMERO DORR

O ÚLTIMO PRESENTE DE PAULINA HOFFMANN

Tradução
Gilson César Cardoso de Sousa

JANGADA

Título do original: *El Último Regalo de Paulina Hoffmann*.

Copyright © 2018 Carmen Romero.

Publicado mediante acordo com SAlmaia Lit, Literary Agency.

Copyright da edição brasileira © 2019 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2019.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra
Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz
Preparação de originais: Alessandra Miranda de Sá
Produção editorial: Indiara Faria Kayo
Editoração eletrônica: S2 Books
Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Romero Dorr, Carmen
O último presente de Paulina Hoffmann / Carmen Romero Dorr; tradução Gilson César Cardoso de Sousa. -- São Paulo : Jangada, 2019.

Título original: El último regalo de Paulina Hoffmann
ISBN 978-85-5539-141-5

1. Ficção espanhola I. Título.

19-28220 CDD-863

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura espanhola 863

Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000
http://www.editorajangada.com.br
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br
Foi feito o depósito legal.

Para minha avó, que já se foi,
e para meu pai, que sempre esteve aqui.

Se as perdas não nos fortalecessem,
Bem como tudo de que sentimos falta
E tudo que desejamos,
Mas não podemos ter,
Nunca seríamos bastante fortes,
Não é?
O que mais nos fortalece?

– *John Irving*,
O Hotel New Hampshire

O Apartamento

Berlim, agosto de 2016

1

São apenas quatro chaves presas a uma anilha e com uma letra P impressa em azul, mas Alícia não pôde deixar de pensar nelas durante as últimas semanas, desde que as viu pela primeira vez na sala do tabelião.

Acaba de descer do táxi que a trouxe do aeroporto. O edifício cor de baunilha, o verde das árvores, a agitação do bairro. Tudo é novo para ela, tudo parece encerrar um significado que ainda lhe escapa.

– Por que tanto segredo, vovó? – murmura.

Kastanienallee, número 14, primeiro andar B.

Respira fundo, abre a porta de madeira e desaparece na penumbra do vestíbulo.

2

O apartamento é um espaço inexplorado, um território virgem. Estar aqui, agora, é como acercar-se de uma janela que Paulina deixou aberta para ela e escutar o começo de uma de suas velhas histórias. Levou alguns segundos para se lembrar de onde estava quando acordou. São quase dez da manhã, dormiu muito e sonhou bastante. Com a avó, é claro. Ouvia sua voz e sentia o gosto do chocolate quente na boca.

Na véspera, havia tomado em Madri um daqueles voos baratos que arrebanham os passageiros como gado e passara mais ou menos três horas concentrando-se no romance de John Irving, que levava na bagagem de mão. Mas era muito difícil pensar em outra coisa que não fosse essa cidade, esse apartamento, esse mistério. De minuto a minuto, colocava a mão na bolsa para se certificar de que o chaveiro estava ali.

É um apartamento grande, de espaços generosos. A pintura clara das paredes e a luz da manhã, que inunda o ambiente, acentuam essa impressão. Os raios de luz se filtram através das folhas do grande castanheiro que há diante da sacada, desenhando bonitas formas no chão. Os ramos se agitam e as formas se movem sobre a madeira, como num baile ou num jogo.

Na tarde anterior, deteve-se a observar a fachada antes de entrar. É um típico edifício dos anos 1930, reconstruído após a guerra, como tantos outros no bairro de Prenzlauer Berg. Tem um agradável pátio interno, onde os vizinhos guardam suas bicicletas, o meio de transporte predileto nessa zona sem trânsito nem subidas. Bem ao lado, há um café chamado Blume, "flor" em alemão, com mesas e cadeiras coloridas

no terraço e uma série de plantas no interior. Pela rua, transitam pais e mães empurrando carrinhos de bebê, casais de mãos dadas, mulheres que não largam seus celulares.

Dentro do apartamento, quase não há móveis. A larga cama do quarto principal e um punhado de peças do início do século XX, escolhidas a dedo: um aparador elegante, uma mesa, um par de cadeiras de espaldar torneado. Estilo Jugendstil, de primeira qualidade. "Bem ao gosto da vovó", pensa Alícia.

Tira algumas fotos e envia-as para o pai, que na véspera havia reclamado da má qualidade das que ela tirara ao chegar, já quase de noite. Encontra na cozinha uma bandeja de casco de tartaruga, que também parece antiga, e acomoda-se na sala de estar. Um bom café e duas torradas com ovos mexidos, é disso que precisa. Mal se senta e recebe um WhatsApp de Marcos com uma foto de Jaime, jantando no jardim de seus sogros em El Escorial. O menino sorri, sentado em sua cadeirinha diante de um prato com algo que parece frango desfiado. Veste um pijama azul e ainda está com os cabelos molhados depois do banho. Alícia sente um vazio, um mal-estar na boca do estômago: é a agonia da culpa, essa velha conhecida.

Ontem estava esgotada, com tempo apenas de instalar-se e procurar o mais rápido possível um supermercado para comprar as coisas mais urgentes. Hoje, porém, se levantou com uma sensação estranha. Nunca tinha estado aqui e sequer sabe que tipo de vínculo unia sua avó a este lugar, mas sente a força enorme de sua presença. Como se agora mesmo ela estivesse a seu lado, esperando que termine o café da manhã, como nos seus tempos de menina.

3

Faz mais de um mês que ela se foi. Uma bela manhã, amanheceu morta, pura e simplesmente, na cama onde havia dormido sozinha tantos anos, desde que ficara viúva, ainda jovem. O médico afirmou que tinha sido um ataque cardíaco durante a noite. Sem dor, sem angústia. Até então, desfrutava de ótima saúde e independência total, embora logo fosse completar 84 anos. No fundo, é uma sorte partir assim, vivendo tão bem até o final – foi o que repetiram, como um mantra, todos os amigos e familiares presentes no velório e no enterro. Mas uma voz no coração de Alícia insistia: "Que merda de consolo é esse, quando alguém tão importante desaparece da nossa vida de um dia para o outro?"

A avó tinha sido sua confidente, sua amiga, sua protetora, seu exemplo, sua cúmplice. Quase uma mãe para uma menina que perdera muito cedo a sua. Havia cuidado dela tardes sem conta, lhe ensinado a enfrentar suas primeiras frustrações, a levar tudo numa boa. A amar os livros. A não se deixar vencer, a tentar ser feliz. Acolhera-a mil vezes quando, já adolescente e mesmo adulta, discutia com seu pai ou algum namorado. Sua casa tinha sido, para Alícia, o refúgio derradeiro, sempre de portas abertas.

Quando engravidou de Jaime, chamou sua avó antes mesmo que seu pai. Quando ganhou seu primeiro processo importante no escritório de advocacia, correu a avisar Paulina Hoffmann: o elogio mais importante é o de quem sabe quanto você se esforçou. E quando, há pouco mais de um ano, tudo voou pelos ares, ela foi a única pessoa (fora Marcos, é claro, mas com ele não tinha escolha) com quem se atreveu a ser sincera. Todos precisamos de alguém que nos ame sem limites, que

nos dedique um amor absoluto, incondicional. Pois bem, essa era sua avó. Alícia cresceu sabendo que, acontecesse o que acontecesse, Paulina sempre estaria ali.

Mas já não está.

Sempre lhe contava tudo, sem hesitações, sem pudores. E é justamente por isso que agora se sente tão confusa. Descobriu que a sinceridade não era, em absoluto, recíproca. Talvez não houvesse tanta cumplicidade entre elas como imaginara. Na verdade, está aborrecida com a avó. Muito aborrecida. Mas já não pode ligar para ela nem aparecer em sua casa para discutir com ela.

Dias depois do enterro, a família se reuniu no escritório do tabelião para a leitura do testamento. Paulina havia sido uma mulher rica durante os últimos cinquenta anos e, como boa alemã, deixara tudo organizado nos mínimos detalhes. Seus filhos Elisa e Diego queriam resolver tudo o mais rápido possível. A divisão dos bens estava bastante clara e pretendiam encerrar logo o caso para depois concentrar-se em sua tristeza.

Mas a avó havia reservado para eles uma última surpresa.

– Um apartamento em Berlim? – O pai de Alícia foi o primeiro a romper o silêncio.

– Sim, na Kastanienallee, número 14. Sua mãe assinou a escritura de compra e venda há cinco anos – explicou o tabelião.

– É em Prenzlauer Berg. Eu sei – acrescentou Elisa. – Expus numa galeria de Berlim duas vezes. Mas não estou entendendo nada.

– Quando vovó foi a Berlim? Para que compraria um apartamento lá? E por que não nos contou? – quis saber Alícia.

– Não faço ideia, filha, vovó ia e vinha o tempo todo. Você sabe que ela tinha uma energia incrível para sua idade. Poderia ter ido a Berlim a qualquer momento – disse Diego.